

# HOJE VEJO A VOZ DO POETA

LÍLIA SILVESTRE CHAVES

Mestre em Teoria Literária

Professora da Universidade Federal do Pará – UFPA

“Meu nome é um rio que perdeu seu nome”

Max Martins

Um pedaço pequeno de papel com palavras datilografadas. Aquelas antigas máquinas de escrever que hoje produzem letras com gosto de tempo, cujos tipos deixavam as letras mais grossas aqui e ali, o “o” não tão redondo, o “e” sem o vão, meio em negrito. Um poema datilografado, num retângulo de papel branco, passou para as minhas mãos, furtivamente, no meio de uma aula de português (no 2º ou 3º ano ginásial), no Colégio Moderno, quando o professor José Chuva ensinava os prefixos e sufixos gregos.

Olhei interrogativamente para quem me havia passado o papel, já não sei mais quem foi. Era para ler, passar adiante, guardar, o que eu quisesse. Voltei os olhos. Sim, era um poema. Senti um choque. Que força ele tinha! Imagens vivas, palavras fortes, “palavras não possíveis de poema”, teria eu pensado. Estava diante de uma poesia que me sacudia, provocava uma reflexão sobre a minha concepção de poesia (eu era muito nova...), sobre que palavras poderiam ou não ser consideradas poéticas. Fiquei hipnotizada, ali, perturbada, sob o efeito real de um poema, pensando no poeta... Quem escreveria assim, aqui em Belém? Vi o nome datilografado do poeta: Max Martins. Poemas recortados, passando de mão em mão. Foi como se eu pegasse o próprio poema nas mãos...

Hoje, querendo ilustrar, corro para o livro. Tenho agora, nas mãos, impressa, a poesia completa do Max (até 1992), em *Não para consolar*<sup>1</sup>. Guio-me pelas datas, pelas palavras: procuro em *O Estranho* (1952), em *Anti-Retrato* (1960). Encontro versos que podem ter me causado, naquela ocasião, essa impressão de força, de estranheza, de uma espécie de beleza perversa. Transcrevo alguns: “Deixaste uns gestos tristes nos espelhos”. Não, não poderia ser, esse fala-me no presente. Volto ao passado. Talvez esta estrofe: “Ao pouso inesperado duma asa, / contemplo a mosca: / no seu ventre ferve-lhe o poema”. Já havia, em Max, o movimento fluido da palavra que nasce no rio de barro — o fervilhar da poesia em nascimento e vôo,

A nova flor se chama  
— no rio defunto — a LAMA.

[...]

Quando de tarde  
a bolha espoca  
as larvas fervem  
dentro do pólem  
azedo e mole. (“A nova flor”)

<sup>1</sup> Max Martins. *Não para consolar*, Belém: CEJUP, 1992. Os poemas aqui citados foram extraídos dessa edição e transcritos respeitando-se a ortografia do autor.



Foto: Marton Maués



a premonição de mares, na imagem amor / mar / amargo — “havia o engulho do mar / bêbado e vazio — búzio vazio” — o jorro impetuoso da vida:

Há outro mar, o mar noturno,  
o das marés com a lua  
a boiar no fundo  
o mênstruo da madrugada. (“Amargo”)

Já se delineava a sensualidade, a mulher, a semente — a fecundação:

Morder! morder o  
hímen adocicado  
— frêmito de lâmina  
entre duas coxas  
do pólo ao pólem. (“O amor ardendo em mel”)

Paro, não posso localizar o poema exato. Forço a memória a sentir o mesmo impacto de outrora, como se fosse possível viver novamente, na leitura dos poemas, a aventura de Proust. No entanto, o instante ficou, indelével. E, ao pensar em escrever sobre o Max, foram essas as lembranças que me vieram, recortadas do tempo que passou. Eu descobria, naquele momento, “o livro lívido à sua origem”. Esse foi o primeiro encontro que tive com as palavras de Max Martins.

Muitos anos depois, papéis também datilografados, desta vez por mim, trouxeram-me poemas de Max. Junto com eles, veio o poeta. Foi por intermédio de Maria Sylvia e Benedito Nunes. Uma noite, depois do horário de trabalho, em uma sala vazia de escritório e em máquina de escrever elétrica emprestada, vi-me (com medo de error) datilografando, em estêncil, alguns poemas do Max. Ele pretendia rodar várias cópias — uma plaquete feita à mão, em pequena tiragem, para oferecer aos seus amigos? Seria isso mesmo? A memória se esvai... mas o que importa é o que ela fornece assim, involuntariamente. Eram, desta feita, os poemas de *H'era*, editados logo depois (1971).

A força rebrilha na imagem do mar, masculino / feminino — o que semeia e é semeado:

— Eu era o mar ovante sobre os ombros,  
ardendo nas virilhas.  
Ou o mar aberto, pulcro de silêncios,  
enxame de vidrilhos. (“Travessia — I”)  
O Eu que gera:

Hímens eram muitas, mas um hímen só  
me foi bastante para partir, gerar,  
gorar talvez não fosse a dor  
mais que perfeita no seu suor e espasmo. (“Travessia — II”)

Foi exatamente nessa época, a amizade desabrochando, que Max me emprestou um livro de Henry Miller, *Um sorriso ao pé da escada*, uma história de palhaço, de infinito lirismo, pois “o palhaço é um poeta em ação” e a sensualidade, mágica e acrobata:

Do bolso do palhaço  
(ou do seu oco)

tanto podem sair leões  
(de nuvens)

ou um sorriso-lua  
de sua boca  
o fogo  
a espada-ponte atravessando-o

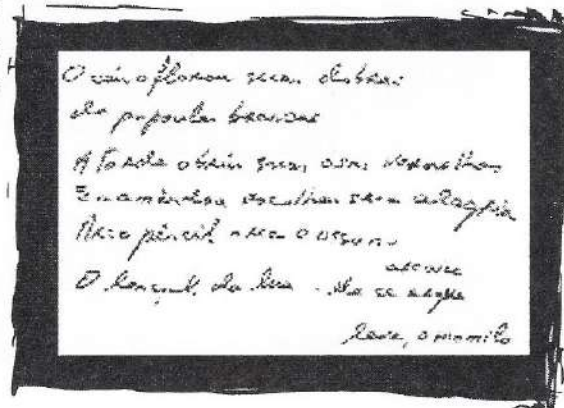
como  
do pênis irresoluto  
o súbito  
salto imortal.

Foi Henry Miller que, segundo Benedito Nunes, levou Max Martins “a uma interpretação mística da sexualidade”. Percebo que estou, ao percorrer a memória, atravessando a poética do poeta, vivida de maneira inversa, antes e fora do livro.

A partir de então, eu via o Max vez por outra, na casa da Estrela. E, nos natais, o meu presente era um poema, e manuscrito.

Max descobrira a força da sua letra, o desenho da sua rima, em forma e som grafados à mão: “a vista modela, como a voz, as palavras”, diria o poeta Edmond Jabès. A espacialidade, em um poeta que absorveu e ultrapassou o concretismo, cingia a sintaxe transgredida na página e na leitura. Desvelou a sua, a voz do poema, a pausa, o silêncio por entre as palavras. O sema do espaço e do volume é retomado em *O risco subscrito* (1980): “No princípio era o verbo”

E o verbo se fez carne  
escrita  
se precipita  
esfinge fácil  
decilhável  
[...]  
um rosto  
coroado de música  
se delindo  
e de espinhos  
se deslinda: as rugas  
Que desleio  
lia  
verso perverso...



Poema inédito (1998)

As palavras têm suas sombras: os sons. Eu quero agora é ouvir o poema do Max, lido por ele, sentir “os lábios [...] de um poema já lido”. A voz feito carne e a carne da voz: “... giro / gerando / no disco-poema ... (“D”).

“Uma amizade não é talvez mais do que uma troca de léxicos”, penso, ecoando as palavras de Jabès, um dos poetas de cabeceira de Max Martins. O Max da rede, cuja cabeceira é o próprio chão, embaixo, os livros ao alcance das mãos, livros de sempre, à beira de si, palavras de sempre, suas, guardadas, jamais reveladas. Em *Marahu poemas* (1991), ele confessa: “Esconde-se a diminuta palavra que é minha / — jamais de ninguém”. Delas, ele não quer falar. Deixa-as quase nas frestas do poema, nos parênteses que se abrem em surdina ao “desabitado segredo das palavras”.

O Max do rio. Um rio no caminho de sua própria poética, atravessando-a, fluindo e se perdendo, no encontro da língua, letra, risco, fala e voz, sendo “um rio que só se diz / Seduz-se”, que, ainda a *Caminho de Marahu* (1983), em “Viagem”, ele previra: “O rio que eu sou / não sei / ou me perdi”.

Passa o tempo e sentimos “a rasura do corpo sendo esquecido”, “o rancor da idade na carga do poema”, “o cava amor roendo”, mas a força da poesia, Max, esta não arrefeceu.

Alheio — contudo tão próximo  
Em ti busco a dor que me corrige  
[...]  
O teu grotesco  
na impossibilidade de me deter  
já me consola. (“O estranho”, *Anti-retrato*)

Hoje vejo a voz do poeta. A primeira vez que o vi assim, sentado ao meu lado, segurando a folha manuscrita, lendo lentamente, com uma entonação única, senti novamente a mesma sensação perturbadora, de força, de impacto. São as imagens sonhadas pelas palavras, suas formas, as cores estridentes, a “carnalidade do mundo” e a sua inflorescência.



